

# DESTINO

“Três irmãos e seus destinos”

\*=====\*

“Dedico este livro à minha neta  
Emily que iluminou minha vida”

“Obrigado meu filho pelo  
incentivo”

A chuva começou fraca mas logo aumentou, o casal apressou o passo, o barraco onde eles moravam era perto de um córrego e sempre transbordava, além disso tinha o morro atrás dos barracos que já havia deslizado no ano anterior.

Ademir e Maria eram catadores de material para reciclagem, andavam o dia todo pelas ruas da cidade procurando tudo que pudesse ser reciclado.

- hoje não vamos levar o material para o deposito, disse Ademir, vamos para casa, com essa chuva as crianças devem estar assustadas.

- mas temos que levar alguma coisa para eles comerem, a mulher estava preocupada, as crianças estavam sem comer

desde o dia anterior, a única coisa que eles tinham comido era uns pães amanhecidos que a dona do mercado havia dado a eles naquela manhã.

Estavam já se aproximando da comunidade, o córrego já estava cheio e logo iria transbordar, apressaram mais o passo, algumas pessoas já estavam saindo dos barracos levando alguns pertences mais valiosos.

Ademir e Maria largaram o carrinho ali mesmo na rua e correram para o barraco onde estavam as criança, a água já estava encobrindo os pés, as três crianças estavam abraçadas em cima de um sofá velho.

Ademir pegou o caçula, Maria e os outros dois que já eram um pouco maiores

ajudaram a mãe a recolher alguns pertences e documentos.

Saíram todos correndo, a água já estava chegando aos joelhos das crianças, foram para a rua, do outro lado da comunidade que era a parte mais alta.

A chuva estava bem forte, com raios e trovões, um raio atingiu a rede elétrica, ficaram ali no escuro encolhidos, Ademir pegou as crianças e colocou em cima do carrinho, cobriu com um plástico,

- vamos ficar aqui, a chuva não demora a passar, chuva de verão é assim mesmo.

A água estava subindo rápido, alguém começou a gritar, o morro atrás deles estava caindo, algumas pedras

bateram em Maria, já estavam desesperados, a essa altura todos gritavam e corriam para o outro lado da rua.

O morro deslizou com uma enxurrada de pedras e lama em cima de dois barracos que foram arrastados para dentro do córrego.

A confusão era grande, ninguém se entendia, algumas crianças estavam desaparecidas e um homem havia sido levado junto com o barraco pra dentro do córrego.

Os bombeiros chegaram com botes para tirar as pessoas dali, a defesa civil já estava preparando abrigos em escolas próximas para levar os desabrigados.

Eram cerca de vinte barracos ali á beira do córrego, todos estavam sem condições de abrigar seus moradores, que na maioria viviam de recolher material pra reciclagem.

Ademir Maria e as crianças foram levados para um abrigo, receberam colchões, cobertores e algumas roupas.

Ademir estava nervoso, agitado, viu tudo o que eles tinham ser levado pela água sem poder fazer nada, Maria tentava acalmar as crianças elas estavam com fome, mas aquela noite não iriam comer nada, não tinha o que dar a elas.

Eram três crianças sofridas e franzinas, Luiza a mais velha tinha cinco anos, Carlos com quatro anos e Andre o

caçula apenas um ano, Maria ficou ali deitada no chão abraçada aos filhos, Ademir andava de um lado para outro queria sair para buscar o carrinho, que era o seu meio de sobrevivência.

A essa altura havia uma confusão geral, ninguém sabia ao certo o que fazer.

Alguém tocou um apito, todos ficaram em silêncio, a assistente social chamou todos e pediu que fizessem uma fila, a ONG Renascer iria distribuir sopa e pão para todos.

Maria ficou mais aliviada, os filhos teriam o que comer, depois de alimentadas as crianças dormiram, saiu em busca do marido, andou por todos os lados, não viu nem sinal de Ademir, já estava ficando



preocupada com ele, deve ter ido buscar o carrinho pensou ela, voltou pra junto das crianças, acabou dormindo.

Amanheceu um dia cinzento e triste, Maria levantou, foi para a fila do banheiro, queria sair logo para procurar Ademir, quando voltou as crianças estavam acordadas, conversou com eles, pediu para Luiza cuidar dos irmãos, ela ia encontrar o pai.

Andou por todo o abrigo, era uma escola municipal com várias salas ocupadas por desabrigados, olhou tudo em volta e nada.

Os voluntários estavam distribuindo café com leite e pão para todos, ela comeu, olhou se as crianças estavam comendo e

saiu para a rua, a água tinha baixado um pouco, mas tinha muita lama e pedras que haviam decido do morro, foi para onde tinham deixado o carrinho que não estava lá, Ademir deve ter levado para outro lugar pensou ela.

Havia uma equipe de bombeiros retirando entulho de cima de um barraco, alguém tinha ficado soterrado ali.

Maria resolveu voltar para o abrigo não queria deixar as crianças sozinhas por muito tempo.

Não havia o que fazer, apenas esperar a liberação dos barracos para poderem voltar para casa, deitou ao lado das crianças e começou a pensar em tudo que já havia passado desde que o pai falecera.